

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A COMÉDIA (PARTE II)
- A COMÉDIA, IMPROVAVELMENTE
28 de Setembro de 2020

TECHNOBOSS / 2019

Um filme de João Nicolau

Realização: João Nicolau / Argumento: João Nicolau e Mariana Ricardo / Direcção de Fotografia: Mário Castanheira / Direcção Artística: Artur Pinheiro / Guarda-Roupa: Susana Moura / Música: Norberto Lobo, Luís José Martins, Pedro da Silva Martins / Som: Miguel Martins / Montagem: João Nicolau e Alessandro Comodin / Interpretação: Miguel Lobo Antunes (Luís Rovisco), Luisa Cruz (Lucinda Sousa), Américo Silva (Ricardo Teixeira), Tiago Garrinhas (Fábio), Sandra Faleiro (Joana), Duarte Guimarães (Jorge), José Raposo (Sr. Galhardo), Ana Tang, Matias Neves, Manuel Mozos, Jorge Andrade, Mick Greer, etc.

Produção: O Som e a Fúria / Produtores: Sandro Aguilar e Luís Urbano / Cópia em dcp, cor, falada em português / Duração: 112 minutos / Estreia em Portugal: 7 de Novembro de 2019.

Com a presença de João Nicolau

Como sabemos desde **Rapace**, a curta-metragem de estreia do realizador, as personagens de João Nicolau têm tendência a usar o imaginário como porta de saída para um quotidiano demasiado falho de imaginação, um quotidiano que tanto pode ser o da urbanidade como o da ruralidade. E os filmes de João Nicolau têm tendência a recompensar as personagens, conferindo ao imaginário delas um poder efectivamente transformador. As fronteiras entre a realidade quotidiana e a imaginação dissolvem-se, esta última imiscui-se na primeira, ensopa-a, modifica-lhe os contornos, até que o todo o cenário se transfigure – como se as personagens inventassem um cinema pessoal e o projectassem sobre a realidade em que vivem. Era assim no filme anterior, **John From**, centrado em miúdas adolescentes de Telheiras que sonhavam com o amor e com a Polinésia; continua a ser assim, tanto quanto possível (ou verificando se ainda é possível ser assim), em **Technoboss**, que segue uma personagem numa extremidade da vida oposta à das protagonistas de **John From**: um velho e solitário vendedor de sistemas de segurança, a aproximar-se da idade da reforma e um tanto desadaptado ao mundo circundante (incluindo o mundo dos “sistemas de segurança”), tão empenhado na profissão como pouco entusiasmado com ela, e cuja cabeça vagueia entre o amor e, se não a Polinésia, as canções que lhe surgem no espírito e na voz, sobretudo quando vai ao volante no trajecto entre a casa e as encomendas.

Há sempre e música e um desejo de musical (também como consequência das premissas avançadas no parágrafo acima), mas **Technoboss** o mais musical filme de Nicolau, o

mais cantado, mas também é aquele tem mais atrito, mais inércia a vencer. O filme abre com uma sequência em que o protagonista (que é o estreante Miguel Lobo Antunes) fica com o carro avariado, acontecimento que simbolicamente resume o problema central de **Technoboss**: como pôr este homem a mexer? Pôr este homem a mexer, e sobretudo ver este homem a mexer (e até, digamos, a mexer por dentro), tornam-se na principal actividade de **Technoboss**. Nota-se bem, até pela escala de planos (muito plano geral, Lobo Antunes filmado dos pés à cabeça), que o filme de Nicolau, como frequentemente sucede com filmes protagonizados por “não-actores”, faz do olhar sobre essa presença, e do registo dela, um “assunto”, eventualmente ainda mais central do que a narrativa em que é lançada. E assim, o técnico de segurança canta e dança, movimenta-se, fixa os olhos na estrada, visita lojas e hotéis, fita paisagens semi-urbanas pateticamente horrendas, janta (sozinho ou acompanhado). O que a personagem “faz” é toda a acção que importa.

E através desse “fazer” e dessa “acção” vai-se desenhando a sua “décalage” para com o cenário circundante: o Portugal deprimido da classe média, o Portugal falsamente eufórico do turismo (as cenas no hotel algarvio), o jargão moderno do comércio e das relações laborais. A melhor sequência do filme, portanto, que casa tudo isto, é aquele longo plano-sequência em que o protagonista desce as escadas rumo às profundezas do hotel algarvio (que tem os sistemas de segurança montados num subsolo aparentemente longínquo), acompanhado por um gerente excessivamente zeloso que não pára de debitar clichés sofisticados e vazios sobre as práticas e princípios do estabelecimento que gere. É outro mundo, e pode haver condescendência mas não há reconhecimento. E a cumplicidade vem das máquinas: uma cancela automática desgovernada (talvez descendente das cancelas da casa da família Arpel no **Mon Oncle** de Tati), que ganha vontade própria, como se também ela cantasse, dançasse, e se risse do mundo.

Luís Miguel Oliveira